

# OS ESTUDOS SEMIÓTICOS DE C.S. PEIRCE E OS TRÊS REGISTROS LACANIANOS: UMA RELAÇÃO

João Vitor Teixeira Castro Corrêa e Luiz Henrique Moura Lopes<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relacionar os escritos de J. Lacan, perpassando por seus conceitos de estrutura geral da consciência humana, e os estudos semióticos de C.S. Peirce, tomados como base e principal matriz para deslindar todo e qualquer tipo de semiose. A psicanálise, logo, mostra-se como um tipo peculiar de semiose, tendo como fator de ação a linguagem verbal, da fala, e a linguagem do inconsciente propriamente dita. Destarte, o presente estudo buscará, de forma sucinta, trazer à tona a tríade lacaniana do imaginário, real e simbólico sob a luz da semiótica Peirceana, tida como única ciência capaz de analisar todos os tipos de semiose possíveis. É lícito ressaltar que o presente artigo tem como principal referência o artigo intitulado “Semiótica e Psicanálise: pontos de partida”, de Lúcia Santaella.

**Palavras-chave:** Linguagem. Psicanálise. Peirce. Lacan. Semiose. Registros Lacanianos.

## INTRODUÇÃO

Não é algo recente a relação que se tenta estabelecer entre a semiótica e a psicanálise. Desde Barthes, em seus *Elementos de Semiologia*, já se buscava um diálogo com a ciência freudiana em ascensão. O que não se esperava, no entanto, é que tal diálogo se estendesse de tal forma que a psicanálise pudesse ser tida como um tipo peculiar de semiose. Semiose enquanto ação; ação mediada pela linguagem falada e pela linguagem do inconsciente. A psicanálise se expressa como uma ciência que tem como objeto de ação a linguagem. A linguagem que permite expressar certas partes decodificadas do inconsciente. Logo, a ciência de Freud não poderia fugir aos

---

<sup>1</sup> Graduandos do 2º Período do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

braços da semiótica Peirceana, tida como ciência geral e formal que designa todos os tipos de semiose possíveis.

No que pese ao homem o fato de a linguagem ser-lhe algo anterior, o seu estar no mundo é condicionado e mediado pela própria linguagem, onde não há possibilidade de escolha. O homem, desde sempre foi obrigado a alojar sua fala e seu pensamento na linguagem. (LONGO, 2006, p. 9). Ainda de acordo com Longo (2006):

[...] É na linguagem que o homem encontra as significações [...] que o protegerão contra o excesso de realidade de um mundo que existe antes da linguagem, pois o mundo e a natureza são estranhos e absurdos para o homem, até que possam se aproximar de nós pela mediação simbólica da linguagem que irá, então, modelar de sentido a realidade. (LONGO, 2006, p. 12).

Portanto, é a partir da linguagem, nesse caso tida como a fala, que os meandros do inconsciente podem ser desvendados. Nisso reside a máxima de Lacan, "a linguagem é condição do inconsciente". (Lacan 1993). Destarte, a relação que se procura estabelecer entre a semiótica e a psicanálise através desse estudo só se faz possível mediante o posicionamento da questão da linguagem entre as duas ciências. A psicanálise de Lacan é tida como objeto desse presente estudo por ser ela a linha psicanalítica que, à luz de Freud, depara-se com a questão da linguagem frontalmente. Já diz Santaella:

A primazia que é dada à linguagem tanto em Freud quanto, e mais pronunciadamente, em Lacan, cria um pólo de atração natural desses autores com a semiótica. Embora possam existir cruzamentos da semiótica com outras correntes da psicanálise, nunca serão cruzamentos viscerais, visto que a exclusão ou negligência da linguagem, em qualquer área que seja, psicanalítica ou não, só pode permitir intercâmbios temáticos e conteudistas, que muito pouco oxigenam o centro cardíaco da semiótica, que se localiza muito justamente nas questões de linguagem. (SANTAELLA, 2003).

Jaques Lacan, iniciado na psicanálise pela porta do imaginário, teve suas influências iniciais partindo principalmente do lingüista Jakobson, e de

todo o contexto estruturalista vivido na França. Lacan propõe, a partir do estudo lingüístico de Ferdinand de Saussure, uma reinterpretação de Freud e uma nova argumentação do sistema sígnico saussureano.

Dessa forma, o psicanalista argumenta que o significante passaria a ter uma dominância no significado, e a linha que separa os dois níveis significaria a fronteira primordial entre os dois lados do signo. Essa fronteira representa justamente a impossibilidade de haver um intercâmbio de um lado para o outro. Isso, segundo Nöth, corrobora com as teorias freudianas sobre a função dos signos nos sonhos acerca do significante.

De acordo com Santaella, a heterogeneidade da complexidade do registro simbólico em Lacan, faz com que as bases da linguística sejam deixadas de lado em nome de uma aproximação do psicanalista para com as indagações semióticas. Tal aproximação é evidenciada pelo próprio Lacan: "Alguém chamado Charles Sanders Peirce construiu sobre isto a sua própria lógica que, dada a ênfase que ele coloca sobre a relação, o conduz a fazer uma lógica ternária. É exatamente essa mesma via que eu sigo, com a diferença de que eu nomeio as coisas em questão pelo nome- simbólico, imaginário, real".

As leituras psicanalíticas do inconsciente, através dos sonhos, e a própria questão da linguagem, fazem da psicanálise um tipo de semiose peculiar e uma convidada à semiótica de C. S. Peirce. Destarte, depois de introduzidos os argumentos iniciais que procurarão dar sustentação teórica a essa análise sucinta acerca das relações entre os registros lacanianos e as categorias peirceanas, parte-se para o estudo de caso propriamente dito, fazendo-se necessário, antes, um respaldo teórico sobre semiótica de C. S. Peirce, de forma a situar a psicanálise lacaniana como um tipo específico de semiose, partindo-se da matriz verbal da linguagem, já postulada em Santaella (2001).

### ***Semiótica Peirceana***

Muitos fazem questionamentos quanto à correta problematização da Semiótica, mas essa consiste basicamente no estudo de todas as formas de

significação, as linguagens verbais e não-verbais que se apresentam a nós diariamente.

Os estudos surgiram em três distintos locais, em um mesmo espaço temporal. Na Rússia, através do Círculo Linguístico de Praga, surge o formalismo; no contexto europeu, surge através de Ferdinand de Saussure em seu Curso de Linguística Geral; e na América do Norte, através dos estudos de Charles Sanders Peirce surge a Semiótica Peirceana que se dedica principalmente aos estudos das mais variadas formas de linguagem – e isso é o que a difere das demais. Essas foram as mais proeminentes fontes em que se constituiu a Semiótica no seu nascimento.

C. S. Peirce estruturou a ciência denominada *semiótica* a partir dos seus estudos anteriores referentes à fenomenologia e ao falibilismo – em que os princípios humanos nunca são tidos como absolutos, mas falíveis. Dentro das suas categorias fenomenológicas (Ver Santaella, 2003), Peirce situa a semiótica entre a ética e a estética. Sendo uma ciência impreterivelmente situada na lógica, sua aplicação, em princípio, parece limitada. No entanto, o esforço intelectual de Peirce lançado à questão do signo e de sua incompletude mostrou o quão geral e abstrata torna-se a ciência dos signos ou semiótica, sendo esta capaz de lançar olhares sobre os mais diversos campos do conhecimento humano, inclusive da psicanálise, estruturada segundo uma lógica discursiva, uma lógica da linguagem, propriamente.

Após mais de trinta anos de estudos, Peirce elaborou um esquema para designar tudo que se apresenta à consciência em qualquer experiência, ou seja, universalmente. Inicialmente, foram denominados os processos de Qualidade, Relação e Representação. Em seguida, Relação foi substituída por Reação e Representação passou a ter o nome de Mediação. Dezoito anos mais tarde, Peirce volta com a gradação e substitui pelo sistema 1, 2, 3. Portanto, simplifica e caracteriza o entendimento desses níveis entendidos por primeiridade, secundidade e terceiridade.

Dentro de seus estudos já tidos como semióticos, dentro da lógica científica aplicada, Peirce definiu suas categorias relacionadas ao signo, sejam elas: a primeiridade – aquilo que ainda está para ser, numa relação de qualidade imediata com o signo, evanescente, instantânea; o que ainda não foi e está para ser; qualidade pura e sem leis que a governem, puro e simples ato de estar, somente. Seria o que se apresenta imediatamente a nós, de uma forma pura, evanescente, que se esvai e acaba facilmente. São os primeiros sentimentos de qualidade, mais cândidos. Algo que se parássemos para observar, ele já teria se transformado em algo do passado. A secundidade – relação abrupta, ação-reação, o ato em si na sua relação imediata com o objeto, pura e simplesmente. É a ação-reação, quando algo se esbarra em um fato externo, estamos constantemente reagindo ao mundo. Claro que nesse fenômeno está inclusa a primeiridade, mas isso já é algo transcorrido e que não resiste materialmente. E, finalmente, a terceiridade – que representa a continuidade dos estados anteriores, mas agora com um nível de abstração mental, interpretação do mundo, uma elaboração cognitiva, definida como uma convenção, numa relação com o interpretante, o signo genuíno, aquilo que estava para ser, foi e agora o é em vias de fato; ato consolidado, governado por leis.

Dessa forma, a percepção dos fatos está na mediação entre o ser e os fenômenos, através da formação de um signo na mente que remeterá a um determinado significado. Portanto, possibilitará perceber aquele fenômeno. A lógica ternária de Peirce inspirou muitas formulações teóricas nos mais variados campos das ciências, inclusive na psicanálise. Logo, percebe-se o grau de importância de estudo de uma ciência semiótica.

Com essas categorias, Peirce consolida sua ciência geral dos signos, cuja pretensão é abarcar toda e qualquer forma de significação do mundo, logo, toda e qualquer ciência. Diz Peirce:

[...] delinear uma teoria tão compreensiva que, por um longo tempo, o trabalho inteiro da razão humana, na filosofia de todas as escolas e espécies, na matemática, na psicologia, na ciência física, na

sociologia, e em qualquer outro departamento que possa haver, deverá aparecer como o preenchimento de seus detalhes. O primeiro passo para isso é encontrar conceitos simples aplicáveis a qualquer assunto. (Peirce, Prefácio aos CP, vol. I).

Estabelecidas as categorias de C. S. Peirce, parte-se para a relação de tais categorias com os três registros lacanianos, sejam eles o imaginário, o real e o simbólico. Tal relação se mostrará óbvia e numa situação de total complementaridade. Conforme dito por Lacan, a única distinção entre seus registros e as categorias peirceanas é a questão da nomeação dada a elas. Logo, apoiado na própria fala de Lacan, a semiótica psicanalítica será analisada a partir de pontos específicos, estabelecidos como os pontos mais nítidos e palpáveis da relação entre a semiótica de Peirce e a psicanálise.

### ***Os três registros lacanianos e as categorias de Peirce***

Antes de adentrar na relação Peirce-Lacan, é necessário esclarecer a mediação estabelecida pela linguagem entre as duas ciências aqui confrontadas. Em vias de fato, a linguagem é o arcabouço que liga de forma clara as ciências de Peirce e Lacan, sendo a linguagem o mecanismo de ação da semiótica, e na psicanálise, é a condição do inconsciente, logo, a condição própria da psicanálise, pois no que pese considerar um estudo clínico, sem a linguagem a psicanálise se tornaria obsoleta. Reforça Santaella (2003):

O campo de ação da psicanálise situa-se então na fala, onde o inconsciente se manifesta, através de atos falhos, esquecimentos, chistes e de relatos de sonhos, enfim, naqueles fenômenos que Lacan nomeia como "*formações do inconsciente*". A isto se refere o aforismo laciano "*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*". (SANTAELLA, 2003).

A ação da psicanálise se faz no registro do inconsciente, segundo Lacan. E o inconsciente nada mais é do que uma rede intrincada de linguagens codificadas, que vez ou outra se expressam através, principalmente, de atos falhos. Ou seja, o inconsciente se revela a partir da semiótica, da linguagem

codificada, da linguagem verbal que é própria da consciência. Desse modo, o inconsciente funciona como um vulcão em erupção, onde suas manifestações denunciam a linguagem até então codificada, povoada de pensamentos oníricos e sem relações de causa e tempo, *a priori*.

Diz Santaella:

Consciência não se confunde com razão. Consciência é como um lago sem fundo no qual as ideias (partículas materiais da consciência) estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão (pensamento deliberado) é apenas a camada mais superficial da consciência. Aquela que está próxima da superfície. Sobre essa camada, porque superficial, podemos exercer autocontrole e também, porque superficial, é a ela que nossa autoconsciência está atada. Daí tendermos a confundir consciência com razão. No entanto, se bem que a razão seja parte da consciência, ela não compõe, nem de longe, o todo da consciência. (SANTAELLA, 2000).

A consciência para Peirce, portanto, mostra-se numa relação clara e pungente com o inconsciente Freudiano, enquanto camada de ideias em constante mobilidade e que vez por outra são decodificadas pela linguagem verbal e se lançam ao mundo.

Dentro ainda da questão do inconsciente, Freud, anteriormente, definiu a dinâmica psíquica em consciente, inconsciente e subconsciente, que mais tarde seria denominada de ID, ego e superego. A relação com as categorias peirceanas se faz presente desde esses primeiros estudos de Freud, ainda que o mesmo não soubesse. Mais tarde, Lacan, na sua divisão da realidade conceitual humana em imaginário, real e simbólico estaria relacionando de forma consciente os estudos de Peirce com os seus três registros.

Esses registros serão o objeto de estudo aqui referido como uma alusão às três categorias peirceanas relacionadas ao signo. Segundo Santaella (1999): estamos sempre ansiando por uma completude que não pode jamais ser encontrada, infinitamente capturada em miragens que ensaiam sentidos

onde o sentido está sempre em falta. Santaella refere-se ao imaginário de Lacan, denunciando já de forma clara a relação com a primeiridade: enquanto anseio por uma completude longe de ser alcançada, o imaginário situa-se na morada da primeiridade, uma vez que esta designa aquilo está apto a ser, mas ainda não o é. O fator evanescente do mundo, a qualidade pura e em espera no universo.

Quanto ao real, diz Santaella (1999): O real é sempre bruto e abrupto. É causação não governada pela lei do conceito. O real resiste ao simbólico porque ele insiste, *en souffrance*, de tocaia para tomar de assalto o simbólico. Nesse caso, o real para Lacan não corresponde à realidade em si, mas o real é aquilo que sobra do imaginário e que não consegue ser capturado pelo simbólico. Logo, o real é aquilo que está no entremeio, aquilo que é por si mesmo, fato em si, destituído de causa, de lei. É aquilo que está *a caminho de ser*.

O simbólico, por sua vez, ainda segundo Santaella (1999): O registro do simbólico é o lugar do código fundamental da linguagem. Ele é lei, estrutura regulada sem a qual não haveria cultura. A relação com a terceiridade não poderia ser mais óbvia. Lacan chama o simbólico, aquilo que está estruturado a partir de um imaginário e um real, de Outro, propositalmente com letra maiúscula, para mostrar que a relação entre o sujeito e o grande Outro é diferente da relação com o outro recíproco e simétrico ao eu imaginário. (Santaella, 1999). O Outro lacaniano é lei, é mediação, é comprovado, formulado. É o registro propriamente dito, numa equivalência clara com o interpretante de Peirce, o signo genuíno. O outro é o grande Outro da linguagem, que está sempre já aí. É o outro do discurso universal, de tudo o que foi dito, na medida em que é pensável. (Santaella, 1999).

Para concluir a relação que se procurou estabelecer entre as categorias fenomenológicas de Peirce e os registros lacanianos, explicitamente guiados pela semiótica Peirceana, dá-se uma citação de Santaella (1999):

A análise fenomenológica dos registros psicanalíticos exemplifica uma característica importante das categorias universais de Peirce.

Embora essas categorias sejam onipresentes, não podendo ser claramente separadas em qualquer fenômeno dado, há sempre uma predominância de uma sobre as outras. Assim, primeiridade, secundidade e terceiridade podem ser proeminentemente percebidas no imaginário, real e simbólico respectivamente. (SANTAELLA, 1999).

A fim de reforçar as relações entre os registros lacanianos e as categorias fenomenológicas de Peirce, adentra-se nos conceitos de amor, pulsão e desejo de Lacan, que se inserem nos seus registros, tendo o amor uma constante relação com o imaginário, a pulsão uma relação com o real, e o desejo com o simbólico. Diz Santaella:

O imaginário é a categoria psicanalítica da demanda de amor, o real é a categoria da pulsão e o simbólico, do desejo. A análise da demanda de amor, de fato, revela que ela depende da linguagem, não há demanda sem linguagem, pois a demanda humana se expressa através de signos ou através daquilo que Lacan chamou de cadeia de significantes. Alienada na linguagem a demanda humana é capturada no deslocamento infinito da cadeia metonímica do desejo, na cadeia de significantes do simbólico. Ao mesmo tempo, a demanda de amor é acossada pelas vicissitudes obscuras da pulsão sexual. Apesar da predominância da demanda de amor (primeiridade) que o caracteriza, o imaginário também apresenta sua face simbólica (terceiridade) e sua face real (secundidade). (SANTAELLA, 1999).

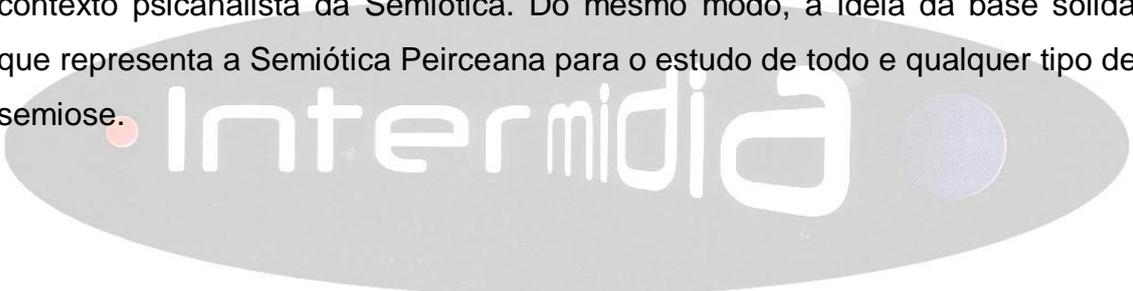
O amor está para o imaginário assim como está para a primeiridade enquanto há uma relação direta com a linguagem, logo, com a mediação de signos. Dragado pela linguagem, o amor está num constante fluxo entre a cadeia do desejo e as propriedades da pulsão sexual, num constante ir e vir dentro de uma sinergia, dentro de um ir e vir sem ser. Logo, a primeiridade se faz presente de forma incisiva. Por sua vez, a pulsão está numa relação homóloga com o real enquanto objeto de reação por si mesma, a pulsão sexual que se reduz ao ato. A secundidade reina soberana sobre o real, portanto. Por fim, o desejo é a manifestação da pulsão e do amor, é a concretização em pensamento do fluxo do ir e vir sem ser e do ato em si mesmo, abrupto e cru. É a manifestação da terceiridade em sua forma genuína.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das definições aqui explicitadas, teve-se por objetivo teorizar sobre alguns princípios semióticos e psicanalistas, obtendo-se desses princípios uma base para o estabelecimento de uma relação entre as ideias da tríade sógnica, da lógica ternária de primeiridade, secundidade e terceiridade aplicadas a outras lógicas do campo psicanalítico, além da conceituação de consciência em Freud, Lacan e Peirce.

Para tanto, buscou-se relacionar três principais semelhanças entre ambas as ciências, sejam elas: a linguagem, objeto de ação da semiótica e condição do inconsciente para a psicanálise; a lógica ternária de Peirce e os registros lacanianos de imaginário, real e simbólico; e a ideia de consciência em Peirce e o inconsciente em Freud.

Assim, esperou-se uma breve explanação e comparação para servir de base para futuras pesquisas, leituras, teorizações e aprofundamentos dentro do contexto psicanalista da Semiótica. Do mesmo modo, a ideia da base sólida que representa a Semiótica Peirceana para o estudo de todo e qualquer tipo de semiose.



Intermidia

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1996.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1998.

LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

PARRY, John. *Psicologia da Comunicação Humana*. São Paulo: Cultrix, 1992.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica?* Col. Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. *Matrizes da Linguagem Sonora Visual Verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Teoria Geral dos Signos*. São Paulo: Pioneira, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Assinatura das Coisas*. São Paulo: Imago, 1992.

\_\_\_\_\_. *The Three Peirce's Categories and the Three Lacan's Registers*. In: *Psicologia USP*, vol. 2, p. 81-91, 1999.

\_\_\_\_\_. *Semiótica e Psicanálise: Pontos de Partida*. *REVISTA FACE*, v. 2, n. 2 AGO-DEZ, p. 9-11, 1989.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.